

Braga

M-



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

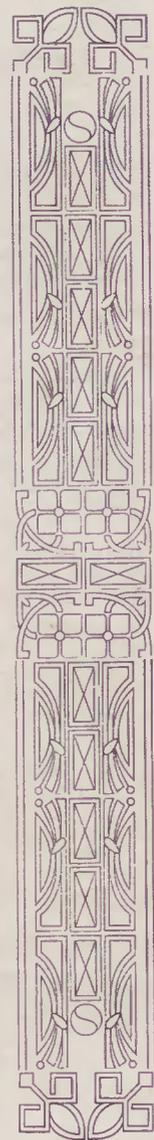
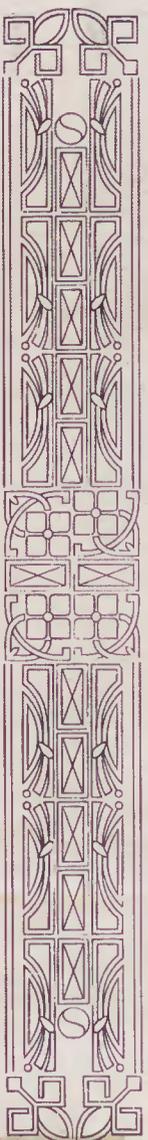
Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Yelloso
 EDITOR ADMINISTRADOR
 Antonio José de Carvalho. Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 20 de junho de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
 83, R. dos Martyres da Republica, 91
 Não se restituem os originaes

Numero 51—Anno I



BRAGA—Bom Jesus do Monte. Um aspecto do interior do templo onde se realisaram as festas do Espirito Santo

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)

Chronica da semana

LI
OOO

EGREJAS de Portugal, brancas como a oração pura e fervorosa a rolar de labios de velhinhas, brancas como o fumo dos thuribulos a descrever aspirações para o céu, brancas como os lirios que ciciam canticos de aromas em redor de Jesus, que morreu entre lirios, brancas como a toalha gomada dos altares, tecendo em torno da ara santa uma muralha de rendas!

Porque será que impias almas não escutam e não sentem o vosso recolhimento? Porque será que mãos sacrilegas vão estilhaçar, com o camartello dos iconoclastas, os lavores das vossas frontarias e não suspendem o gesto destruidor?

Porque será que corações se não crispam de dôr antes de quebrarem crucifixos?

Não pode dizer-se homem aquelle que em face de uma imagem de Jesus sinta referver-lhe no sangue e azoar-lhe no cerebro uma rouca e enraivecida furia, feita de repulsão e de odio, de sacrilegio e de ferocidade, aquelle que atira contra as volutas das abobadas e os frisos lavrados e os capiteis graciosos uma escarcalhada diabolica de sarcasmo e de infamia, aquelle que se dirige ao tabernaculo eucharistico, ao berço perenne do maior amor que adejou em torno e abraçou jámais a terra, e profana esse berço e flagella sob a trituração phrenetica e brua dos dedos, esse amor repartido em mil parcellas prestes a descerem cada uma, da sublime e alta pureza em que florescem, ao centro da alma conspurcada do criminoso e ao coração virginal, á conturbação d'um penitente e á magua funda do constricto, dando indizível vigor áquelle que parte para a grande balalha da vida, e conforto e esperança áquelle que já adentra os primeiros porticos do mysterio impenetravel da morte!

Não é homem; que ao homem estampou-lhe Deus na fronte um signal de nobreza, de elevação; que Deus apontou os olhos d'elle ao infinito, dizendo-lhe que a luz que elles despedem, é feita da mesma aspiração indefinida do coração em busca do céu, e aprumou-lhe o busto e levantou-lhe a face, como a ensinar-lhe que a erecção do corpo revelava a erecção do caracter!

... Aquella capellinha, onde ha dias entrei, fôra profanada. E os lavradores, de bronzea face e o olhar severo em que um sorriso bom e leve apenas revelava a simplicidade d'uma alma sã, confavam-me que na vespera, de noite, como os lobos que rondavam por aquelles montes debruçados sobre o arrulho do rio — o senhor vê?... — dois mariolas, chegados do Porto a convite do regedor, outro como elles, haviam

arrombado as portas e, lá dentro, dirigiram-se ao sacrario... e expulsaram de lá, como judeus, a Nosso Senhor!...

—Veja lá o senhor se a gente não tem razão em nada querer com elles...

E tinham, sim, que é preciso que um povo haja descido os degraus infimos da cobardia, da subserviencia e da cumplicidade, para que, —ouçam agora os nossos leitores— não haja um varapau que os afugente!...

Eu voltei para casa.

No caminho encontrei-me com o abbade, um santo velho. Rezava as suas orações no breviario.

Venho da egreja!

E elle teve lagrimas nos olhos... e foi rezar por elles!

F. V.

FEIA!

OOO

(A JULIO DALLY)

*Chamam-te feia... ingrata Humanidade
Que tão mal comprehendes a natura...
Porque não sabem, quanta formosura
Encerras n'alma—juvenil deidade!*

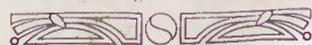
*Porque não sentem como eu, a bondade,
—Essa bondade innata e sempre pura,
Que em teu rizonho coração fulgura
Sob o manto subtil da caridade!*

*Chamam-te feia... sim; porém, que importa,
Se de minh'alma, tens aberta a porta
E de meus labios o sorriso é teu?*

*Deixa-os fallar. E's minha e tanto basta,
Para que sejas tão formosa e casta
Como os anjòs que vivem lá no Céo!*

(Do livro a sahir *Acerba dôr*)

JOAQUIM MARQUES MENDES.



Serões eruditos

Aventuras do alfabeto



(Conclusão)

PARA dar lugar a outros assumptos, n'esta secção, vou pôr ponto nas aventuras do alfabeto. Já disse, e repeti, que o assumpto daria para volumes; isto foi apenas um panninho de amostra. E hoje, para acabar, vou indicar algumas regiões inexploradas, onde teria podido colher curiosissimas observações.

O esse é um *C*, *c*; o *tê* é um *m*; o *tché* (25.^a) é um *r*; a 26.^a (*cha*) confunde-se quasi com o nosso *m*, etc. E digamos, de passagem, que o alfabeto russo conta 36 letras. Também, para um imperio d'aquelle tamanho, não é demais...

Outra aventura que poderíamos explorar: o valor significativo de algumas letras, isoladamente. Assim, já que estamos na Russia, o *v* equivale lá á nossa preposição *a*. Ex: *la khotiel bui idli sevodnia v teatr.* (pron. figurada): eu queria ir hoje *ao* theatro. A mesma preposição pode ser representada por *k* e *s*. Uma das perguntas, que se ouvem a cada passo na Russia, é esta: *Tchtó s vámi?*— Que tem? A' letra: que *a* vós (é)?

O *i*, que em latim é o imperativo do verbo



LOULÉ—Vista parcial

Por exemp'lo: a maior parte dos leitores cuidam, que as letras do alfabeto—digo do nosso, sem me referir ás linguas orientaes que tem outros signaes phoneticos — tem por toda a parte o mesmo valor. Puro engano! Percorramos, para não sahirmos da Europa, o alfabeto russo, e calculemos a confusão que nasce da troca do valor das letras. O *b* manuscrito russo (2.^a letra do alfabeto) escreve-se *d* e pronuncia-se *b* ou *p*. A 3.^a, *vê*, escreve-se, quando minuscula, como *b*, e sôa *v*, *f*, ou *w*. A 4.^a *guê*, tem, quando maiuscula, a forma do nosso *T*, e vale, entre outras coisas, *h*, *k* e *v*...

O *dê* (5.^a) escreve-se, como minuscula, *d* e *g* e sôa tambem como *t*. O *jê* minusculo tem uma forma parecidissima ao nosso *m*.

O *i* (9.^a) tanto maiuscula como minuscula, é o nosso *U*, *u*; o *pê* (17.^a) tem, como minuscula a forma de *n* e o *erre* (18.^a) as de *P*, *p*.

ire (ir) em dinamarquês e norueguês é a 2.^a pessoa do plural do pronome pessoal: vós: *I have*: vós tendes; e em inglês é a primeira do singular: *I love*: eu amo. Em dinamarquez e norueguez vale tambem por em: *Det sner i Februar*: neva em fevereiro; *u*, em persa moderno, é a 3.^a do singular: *elle*; e ainda em persa moderno, o *u* vale *e*; conjuncção copulativa: *bist u nuh*: vinte e nove; o *i*, isolado, em persa moderno, vale *és*: *am, i, as*: sou, és, é.

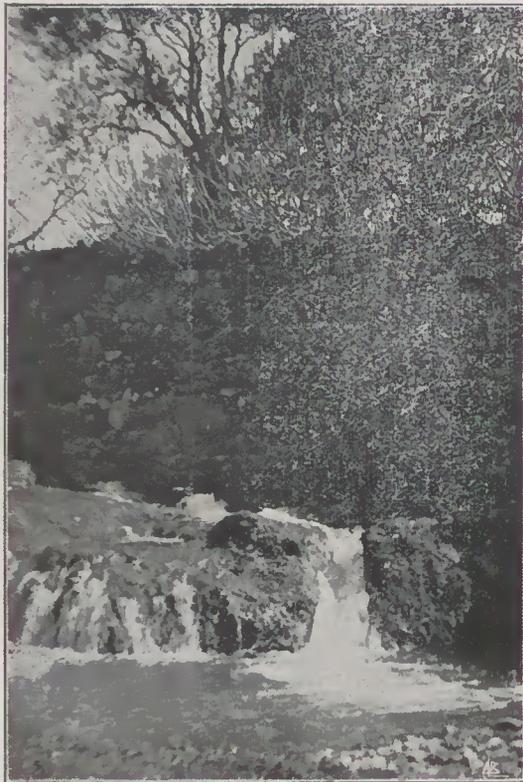
O *o*, em romêno, vale *uma*: o *suta*: uma centena, e o *i* pode ser pronome pessoal abreviado masculino, e feminino, o plural masculino variando os assentos. Em flamengo e hollandez encontra-se amiude um *'t*, que vêm a ser os restos mortaes do artigo singular neutro *het*. E poderia continuar...

Se me dêsse para investigar as aventuras geographicas das letras isoladas, acharia por



exemplo, que na Suecia ha uma cidade que se chama *A*; na China, uma aldeia, que se chama *U*; na Hollanda, uma ribeira, que se chama *Y*. Em França, perto de Peronne, no departamento do Sonne, ha tambem a aldeia de *Y*, como ha, cêca de Luchon, uma aldeia chamada *Oo*. Em França, na Belgica, na Russia, na Suissa, na Allemanha, e na Hollanda, ha varios rios e ribeiros com o nome de *Aa*, o que se explica pelo facto de ser *Aa* o antigo allemão *aha*: agua corrente, medio allemão *aho*, gothico *ahrva*: rio; pela mesma razão ha pessoas que se chamam *Aa*, e nós temos até muitas Marias do *O* etc. *San Salvador de la O* é uma freguezia da provincia de Pontevedra, perto de Lalin, na Galliza...

Já aqui apresentei um quadrado magico, feito



LOULÉ—Romcirinhas

com letras, o celebre quadrado do *Sator arepo*... Muito poderia escrever, e algum dia o farei, sobre quadrados magicos. Hoje, para... acabar de acabar, direi que, já depois de publicados os meus artigos sobre o *Sator arepo*, appareceu no jornal italiano *L'Ora illustrata*, de Palermo, um curioso artigo, que se refere a uma das aventuras do alfabeto, a que alludi: a aventura do valor numeral das letras... e aos quadrados magicos. Eis o artigo:

Ha muitos seculos que os arabes costumam escrever, no lado reservado ao endereço das suas cartas, ou de gravar em saquinhos, caixinhas e pedecinhos de madeira, e em cartões, as quatro consoantes: *ba, dal, vau, hha* (BDUH), que formam a palavra *Beduh*. Nos dictionarios arabes



LOULÉ—Pêgo dos Cavallos

não se encontra registado este nome e os orientalistas suaram para o explicar; Silvestre de Sacy, Miguel Sabbagh, Kazimirski, Reinaud, e outros, opinaram que Beduh era um dos nomes de Deus, e que as quatro consoantes exprimiam um sentimento religioso, como as iniciaes I. M. I. (Jesus, Maria, José) que os ecclesiasticos costumam pôr entre nós na festa dos seus escriptos. Note-se, porém, que nem o Alcorão, nem os livros liturgicos dos mussulmanos trazem esta palavra *Beduh*, nem ella tem, etymologicamente, significado algum; não parece, portanto, acceifavel a explicação d'aquelles doutores orientalistas, e convem procurar outra, mais racional.

Os mussulmanos em todos os tempos, e ainda hoje, tiveram grande fé nos talismans, a que attribuem o poder de levar a bom termo qualquer empreza. Entre estes é vulgarissimo um quadrado subdividido em nove quadrados, em cada um dos quaes se escreve um determinado numero, e o trazem ao pescoço, ou gravado em madeira ou escripto em pergaminho.

4	9	2
3	5	7
8	1	6



LOULÉ — Quinta da Esperança

Estes numeros, sommados horizontalmente, perpendicularmente, ou em diagonal, dão sempre o total de 15, múltiplo de 3, numero perfeito.

Ora os arabes, que foram versadissimos em mathematica, attribuindo maior virtude aos numeros pares e tendo-os por de feliz augurio, desenharam um só quadrado, que leva nos quatro angulos os algarismos pares 2, 4, 6, 8. E para que o talisman não fosse conhecido dos profanos, substituiram os algarismos pelas letras do alphabeto de equivalente valor numerico: 2-ba, 4-dal, 6-vau e 8-hha, que, lidas da direita para a esquerda, ao uso oriental, formam precisamente a palavra *Beduh*:

4	2
D	B
8	6
H	u



LOULÉ — Lago da Quinta da Esperança

(Clichés do phot. am. sr. João Fabião de Campos) mais commum é para despertar



BRAGA--Bom Jesus do Monte. Na festa do Espirito Santo



A procissão em volta do templo

a paixão amorosa n'uma pessoa amada; escreve-se *Beduh* um papel deante do qual se queimam delicados perfumes, e logo se repete, em alta voz, tres vezes, esta invocação: «O' Beduh, ó Beduh, ó Beduh, faz nascer o amor entre coração e coração, pela virtude da penna e da taboinha, e pela virtude de Adão, Eva e Noé.» Feito isto, aquelle, ou aquella, que deseja fazer-se amar, pendura do pescoço o talisman, que não deixará de produzir o seu feito.»

Se não é verdade, está bem achado. E já me estou regalando de ver, e ouvir, ahí pelos cantos do paiz, damas e cavalheiros, de talisman ao pescoço: *O' Beduh, O' Beduh, O' Beduh...*

Ainda duas palavras: ha quasi quatro annos que vivo emigrado. Em vez de andar pelos centros de emigrados, creando bilis, do que se



A concorrência de foresteiros no dia da festividade

por lá vê, e ouve, rodeio-me de livros e vou estudando, sobretudo linguas, velha paixão minha, que a ninguem faz mal. Assim se explica, por exemplo, que ao confeccionar este artigo, tenho á mão as minhas grammaticas: romena de R. Lovera, russas, de Otto-Saner e Sperandeo, arabe de Melik David Bey, persa, de Fr. Rosen, dinamarqueza e norueguesa de L. Borring—e não me foi preciso recorrer á sanscrita de F. G. Fumi, nem arabe de Erpenis, á do grego antigo de Curtius, á do grego moderno de Martins, e a varias outras, que ahí estão na minha livraria em Braga, attestando de que armas me valho para passar o tempo, sem dar em anarquista, *formiga* ou adhesivo.

Devia esta explicação aos leitores, que me fazem o favor de preferir os meus artigos para narcotico e deploram a minha mania polyglotta. Antes isto, antes isto...

ARTHUR BIVAR.



Um grupo de foresteiros

VIDA INTENSA

(CHRONICA D ALÉM FRONTEIRAS)



OS jornaes, que são muitas vezes a providencia dos chronistas, referem, sem commentarios, no relato frio do noticiario vulgar, um caso curioso, desenrolado nos confins da Baviera, com o seu que de romanesco e emotivo, que deve interessar os leitores da nossa «*Illustração*».

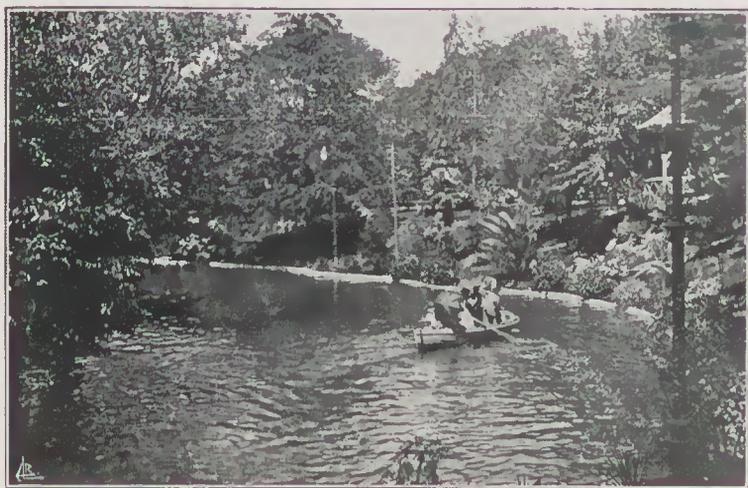


- Trata-se ainda e infelizmente d'uma tentativa de suicidio, mas d'esta vez—Deus louvado — impedido, frustrado por cobardia dizem uns, por arrependimento affirmam outros.

Não extranhe o bom leitor que extrate um caso d'esta indole, nas columnas d'esta publicação. O mal deve ser sempre trazido a lume não para o encorajar, para o impôr, para o fomentar mas muito simplesmente para o execrar e combater e se o mal, como n'este caso, tem o desfecho piedoso que ora teve o pequeno romance barato, é contra-producente occulta-lo ao criterio da opinião.



BRAGA—Bom Jesus do Monte. Um aspecto do lago



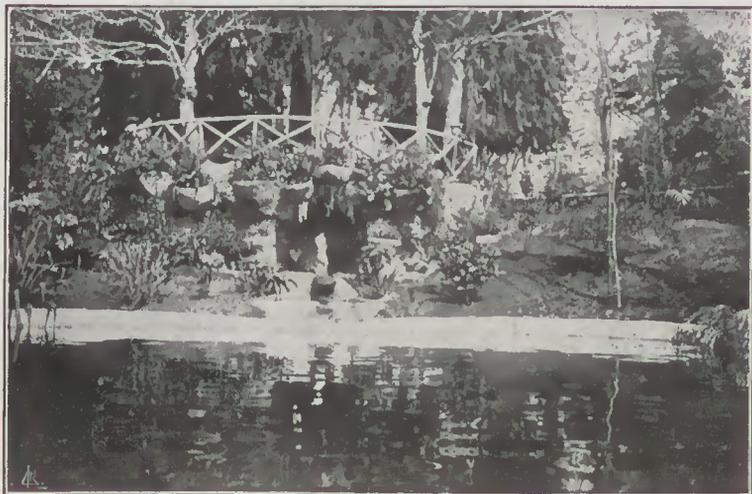
BRAGA—Bom Jesus do Monte. Outro aspecto do mesmo lago

A bôa imprensa deve, é certo, condemnar ao silencio todas essas miserias moraes, que affligem a sociedade, já-mais perpetrar o relato d'um crime que quantas e quantas vezes, contando com o que na alma popular persiste ainda de romanesco e desamparado de fé e d'educação, vae tresloucar e preverter. Mas pela mesma razão, não pode calar casos como este, que embora partilhando da desgraça, são um irrefutavel exemplo moral.

N'uma aldeia refirada da velha e tradicional Baviera, vivia ha dois annos, cheio de felicidade e d'amor, n'uma

humilde casa abraçada de recordações e de trepadeiras, uma familia feliz. Casados por amor, novos, entusiastas, felizes, marido e mulher, alegremente viviam do seu trabalho e para o seu trabalho, sem uma nuvem, sem uma tristeza, n'uma existencia estreita de mediania, illuminada por um grande amor, que mais se arreigára n'aquelle corpo pequenino e branco, que como um raio de sol aquecia aquella affeição, e adornava os linhos pobres do berço.

A' noite, quando o marido voltava do seu trabalho, ella esperava-o sempre com o mesmo entusiasmo de namorada feliz e abraçando-o,

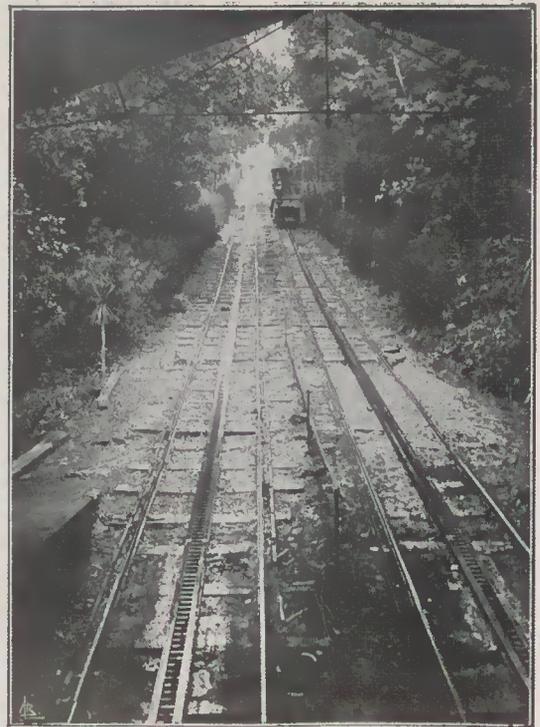


BRAGA—Bom Jesus do Monte. A pequena gruta junto do lago





BRAGA—Bom Jesus do Monte. Um trecho da paisagem



BRAGA—Bom Jesus do Monte. O ascensor

levava-o até junto do berço e horas esquecidas os dois, ficavam abraçados a contemplarem o filho do seu amor. Nunca n'aquella casa pobre mas feliz, houvera sombra de desgraça ou de desalento. O marido, encontrára sempre na mesa polida a ceia appetitosa e na bocca fresca da mulher um sorriso acolhedor... Um dia, — a desgraça espreita os felizes — na fabrica uma fatalidade, uma alteração de momento, uma inexplicavel allucinação, fizeram d'esse homem trabalhador e feliz um assassino...

A desgraça entrou então n'aquella casa. A mulher foi mirrando, no desgosto e no trabalho, para attender ao marido e ao filho e sempre animada d'u-



BRAGA—Bom Jesus do Monte. Uma das capellas dos Passos

(Glichés do dist. phot. am, sr. Augusto Chalm).

ma fugidia esperança de perdão, seguiu sem um desalento a sua nova existência de sacrificio. Visitava-o na cadeia, levava-lhe flores e nem um só dia faltou com o seu sorriso, para consolar o desgraçado. Era quasi feliz no meio da sua desgraça. Esperava, esperava confiada que o marido voltasse ao lar. Entretanto a lei inflexivel, sem coração, sem piedade, condemnou-o certa tarde de sol, á pena maior...

A tortura d'esse apaixonado coração feminino attinge n'esse momento o auge do sofrimento e da desesperação. Ella que luctara, vê-se um farrapo, uma ruina, que a doença motivada pelo trabalho excessivo dos ultimos mezes, em breve destruirá, e encon-

tra-se á beira d'aquelle berço que é toda a sua vida, sem força para trabalhar...

Allucinada, cega de desgraça, corre a casa d'uma vizinha e a pretexto d'uma viagem á cidade, entrega-lhe o filho e volta á sua casa vasia. N'uma velha gaveta encontra um revolver e sem pensar, desesperada, perdida, lançando

um ullimo olhar cheio de lagrimas para o berço, vasio, murmura entre soluços o nome do marido e appo'a a arma á cabeça... Um segundo depois, n'um repellão, quando premia já o gatilho, alira para longe a arma criminosa e cahe de joelhos a dizer entre suspiros:

—Obrigada, meu Deus... Mas dá-me forças



ILHA TERCEIRA (Açôres). Cidade e bahia d'Angra do Heroismo

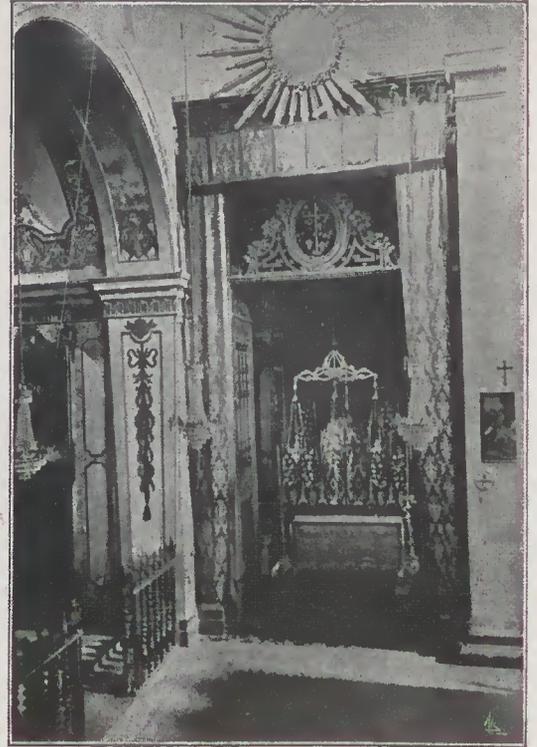


ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroísmo—Coroação do Espirito Santo, uma das festas mais populares dos Açôres





ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroísmo—Procissão do Senhor dos Passos. Saída da veneranda imagem da igreja de N. Senhora da Conceição



ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroísmo—O altar do Santíssimo na igreja da Sé



ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroísmo—Sé Cathedral



ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroísmo—Um dos orgãos (verdadeira obra d'arte) da igreja da Sé

para crear o meu filho... e resvallou para o chão chorando já, sem desespero...

No dia seguinte a alegria d'aquella casa vinha dormir de novo no berço pobre e animar aquella alma incomparavel de mulher apaixonada, a luctar e o soffrer...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroísmo. Igreja do Collegio, contigua ao grandioso edificio do governo civil, antiga residencia dos Padres da Companhia de Jesus, onde estão hoje installadas diversas repartições publicas



ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroísmo—Nova igreja de S. Matheus

(Clichés do phot. am. sr. Antonio José Leite).



ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroísmo. Corôa, sceptro e salva emblema do Espirito Santo

A MULHER E O LAR



A familia é constituída de ordinario á imagem e semelhança da mulher. A mulher faz o lar: é a sua pedra angular.

Grande numero de mulheres tendem hoje a desamparar o lar e a desprezar os cuidados domesticos. E o interior da sua casa é frio, tedio, desordenado; repelle o homem em vez de o attrahir, atira-o para a taberna, para o café, para o centro politico. E dentro em pouco, eis a dissociação do *ménage*, talvez a ruptura de relações, a quebra da unidade que é a sua força, é o triumpho do alcool, do jogo e da immoralidade.

«Pela sua negligencia ou ignorancia, diz o Dr. Labbé, a mulher é em parte, responsavel pelos vicios do homem e tambem pela má educação dos filhos que nascem em taes meios, pelas doenças que assaltam e arrebatam em tão grande numero eses pobres pequenos.



As economias depressa se dissipam, chega a miseria..., e afinal um pouco de amor e um pouco de senso teriam feito prosperar a associação conjugal.

Muito instructivo seria tomar uma por uma as paginas precedentes e tirar d'ella lições especiaes para a mulher.

Leitoras, vós sois de facto as sentinelas da raça. Vigiaes por ella quando o vosso carinho cuidadoso e bom rodeia os vossos filhos, quando arancaes cem vezes a morte, essa creança que lançasteis ao mundo.

Velaes pela raça, porque formaes na creança, o homem d'amanhã, o seu coração e a sua alma!

Sois tambem as sentinelas da raça, no homem: valentes e abnegadas enfermeiras luctaes contra as doenças, contra os vicios que arruinam a saude, contra o alcoolismo e contra a immoralidade. A mulher tem o horror á taberna e o horror ao prostibulo. E' a sentinella da raça!



COIMBRA—Um grupo de estudantes á porta do Café Montanha



MONDIM DE BASTO—Bandeira da Associação do Sagrado Coração de Jesus da freguezia do Ermêllo. Trabalho da ex.^{ma} sr.^a D. Claudina Machado Peixoto.

(Cliché do rev. José Barrias)



BRAGA—Capella da Penha: O throno da Santissima Virgem no dia da festa da conclusão do mez de Maio

Nós os que aturalamente nos debruçamos sobre a voragem do alcoolismo, da poruographia, da criminalidade precoce, para analysarmos melhor a profundeza do mal, appellamos para vós.

Ha um pensamento que domina e engrandece o vosso espirito e o vosso olhar, pensamento muito alto e muito bello, que faz com que soffreis calladas as maiores dôres, sempre



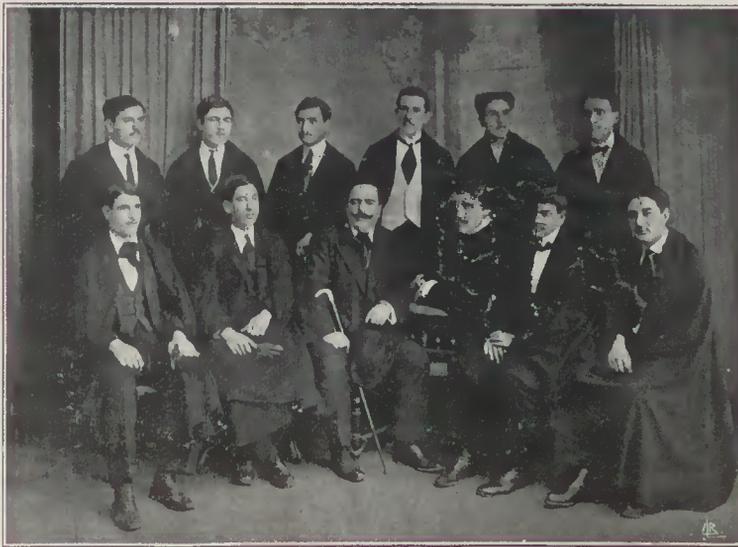
para salvar a unidade d'um lar que é de si mesmo, não só um relicario de bondade e de sonho, mas também um penhor da integridade

da espécie, e uma condição da salvação da raça!

F. D'ALMEIRIM.



BRAGA—Professores e alunos do 5.º anno do Lyceu Central Sá de Miranda (1913-1914)



BRAGA—Grupo dramático organizado para a recita que os alunos do 5.º anno do Lyceu Central Sá de Miranda realisaram este anno

(Clichés da Photographia Alliança)





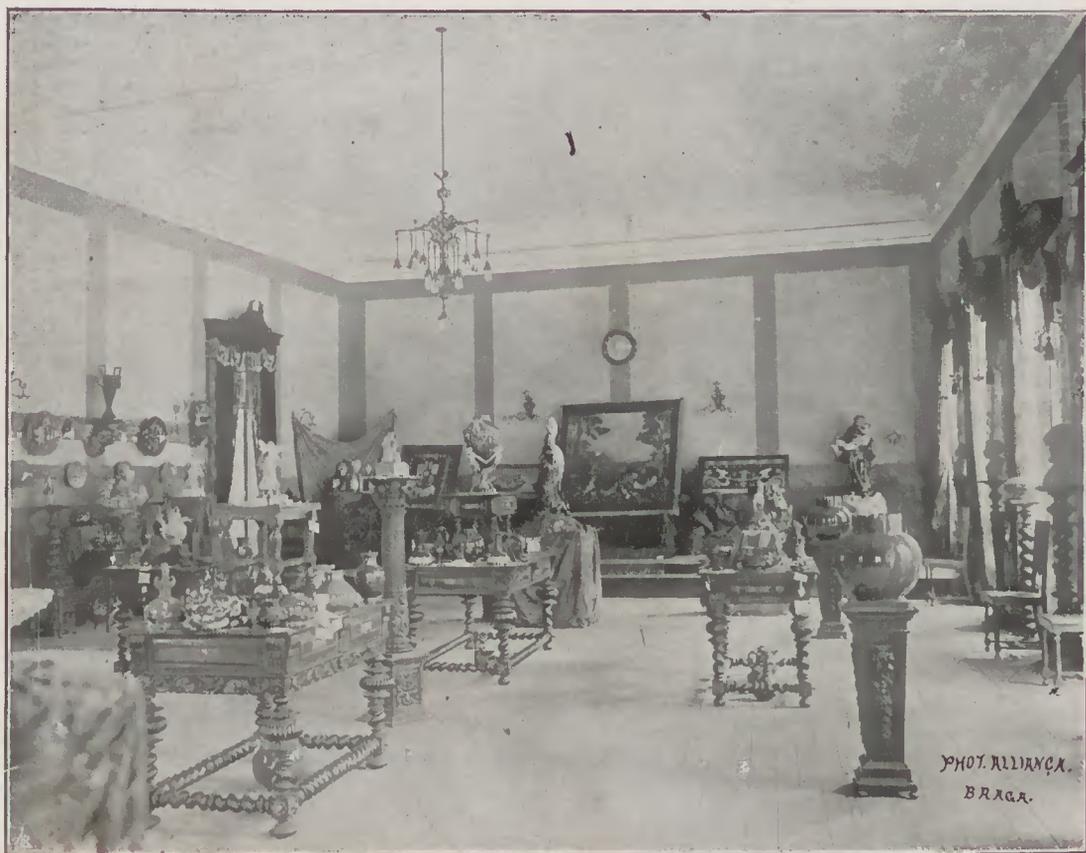
BRAGA—Os alumnos da Escola Academica de Lisboa, na cêrca do antigo Collegio ao Espirito Santo, onde estiveram hospedados



BRAGA—Os alumnos da Escola Academica de Lisboa, em direcção, à estação do caminho de ferro



BRAGA—Grupo de professores e alumnos da Escola Normal de Lisboa, na visita que fizeram á bella estencia do Bom Jesus do Monte



BRAGA—Um aspecto do interior do salão da Associação Commercial onde esteve a exposição de faianças de Bordallo Pinheiro



OS NOVOS CARDEAES



D. Antonio Mendes Bello, Patriarcha de Lisboa



D. Miguel Lega, Decano da Sagrada Rota Romana



Mons. Domingos Serafini, Arcebispo titular de Seleucia e Assessor do Santo Officio



D. João Csernoch, Arcebispo de Estrigonia (Hungria)



D. Santiago Della Chiesa, Arcebispo de Bolonha (Italia)



D. Heitor Sevin, Arcebispo de Leão (França)



D. Gustavo Pitti, Arcebispo de Vienna (Austria)



D. Victorino Cuisinole, Arcebispo de Toledo



D. Luiz Begin, Arcebispo de Quebec (Canada)



D. Felix de Hartmann, Arcebispo de Colonin (Alemanha)



D. Filipe Giustini, secretario da S. Congregação dos Sacramentos



D. Francisco Gasquet, presidente da Congregação benedictina Inglesa

